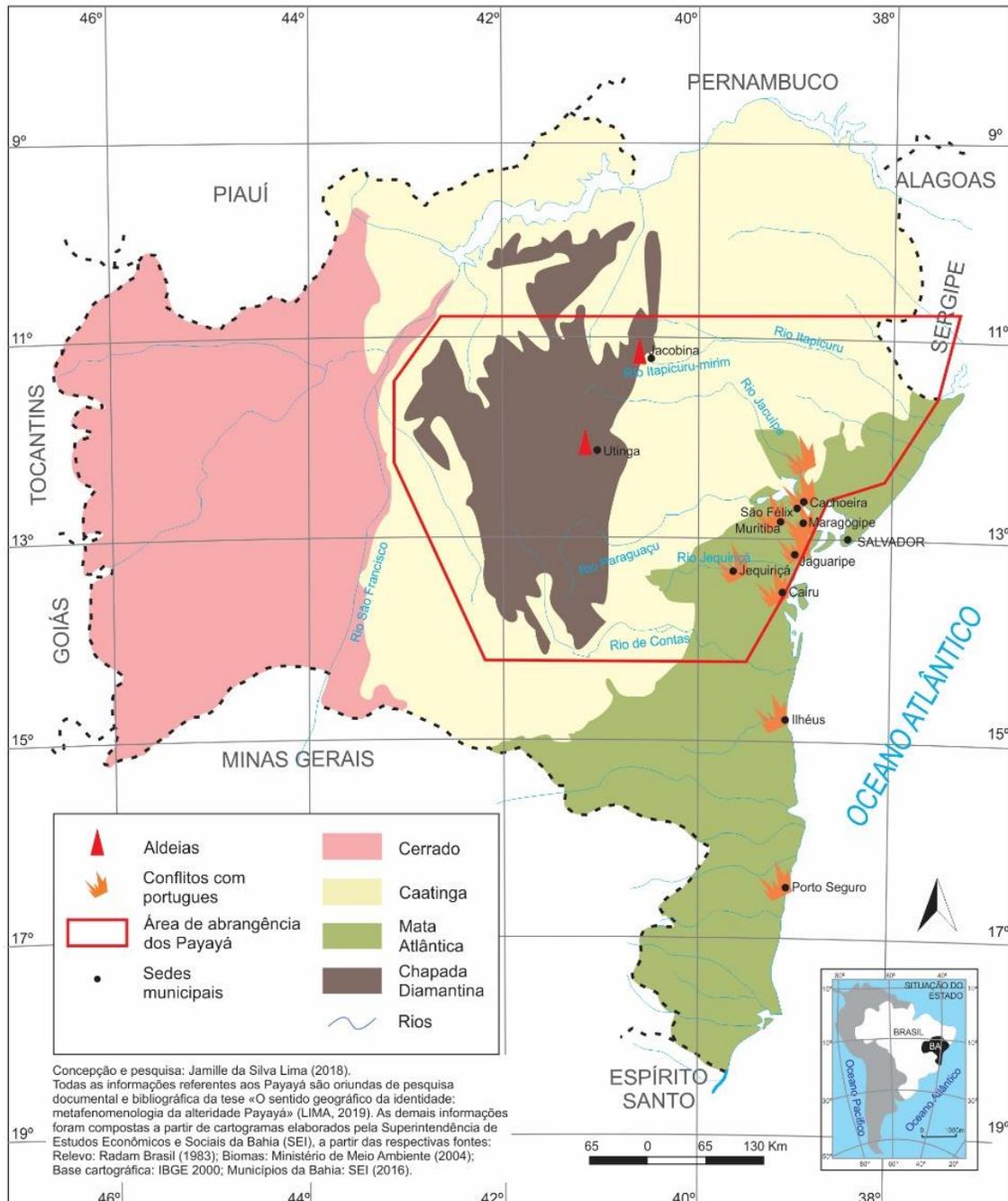




ESPACIALIDADE DOS POVOS PAYAYÁ NO SÉCULO XVII*

Autora: Jamille da Silva Lima
Orientador: Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos Alves



*Mapa disponível na tese: LIMA, Jamille da Silva. O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá. 2019. 1 recurso online (254 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335046>

ESPACIALIDADE DOS POVOS PAYAYÁ NO SÉCULO XVII¹

Autora: Jamille Da Silva Lima
jaslima@uneb.br

Orientador: Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos Alves
veudes@unicamp.br

A produção do mapa “Espacialidade dos povos Payayá no século XVII” cumpriu um objetivo central na Tese de doutorado intitulada: “O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá”, defendida por Jamille da Silva Lima no dia 26 de Junho de 2019, sob orientação do professor Vicente Eudes Lemos Alves (LIMA, 2019): reunir informações de diferentes fontes (orais, documentais e bibliográficas) que permitiram redefinir a atuação e presença dos Payayá no estado da Bahia. O resultado apresentado no mapa constituiu a expressão deste esforço, uma das contribuições da tese para a revisão da historiografia colonial, em especial em relação à sua visão e imagem dos povos indígenas, em geral, e dos Payayá, em particular. Integra os movimentos contemporâneos de enfrentamento da colonialidade em sua expressividade e significado geográfico.

Os Payayá foram um dos povos indígenas mais numerosos e atuantes no território baiano durante os primeiros séculos de colonização. Vistos inicialmente como aliados, em 1699 fica claro que estiveram silenciosamente enfrentando e resistindo à colonização, o que promove a adjudicação de atos anteriores aos Payayá, o que justifica a “guerra justa”, que ficou conhecida como Guerra dos Bárbaros (1650-1720) (PUNTONI, 2002). Um dos resultados foi o quase extermínio dos povos Payayá, chegando ao ponto de serem considerados desbaratados pelo governo colonial e extintos pela historiografia.

Há, no entanto, uma leitura orientada pela colonialidade desta história e desta geografia, o que ficou evidente na pesquisa com os Payayá que, desde os anos 1990, passaram a se organizar e a dizer “Eis-me aqui!”. Esta reivindicação e retomada resultou no seu reconhecimento pelos demais povos indígenas da Bahia e pela FUNAI, o que multiplicou as narrativas e memórias que, como sabemos, possuem forte sentido espacial (BACHELARD, 1993). Tais narrativas Payayá passaram a tensionar as narrativas históricas, o que motivou o retorno aos documentos basilares da historiografia, buscando um olhar contra-colonial, que implica ler tais documentos, feitos pelos colonizadores, a partir dos povos indígenas.

O mapa expressa esta articulação de diferentes situações, compondo uma ampla pesquisa documental e bibliográfica com experiências de campo e narrativas Payayá, as quais ganharam contorno enquanto ferida aberta de uma geografia colonial de despovoamento no sertão baiano. Entre os documentos consultados estão os Documentos Históricos da Biblioteca Nacional, que reúnem ordens, regimentos, provisões, alvarás e correspondências entre governadores gerais, capitães-mores e coronéis no período de 1654 a 1721, além do manuscrito “Panegírico fúnebre”, de autoria de Juan Sierra (2002), de 1676, que narra muitos eventos relacionados à administração Afonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça na condição de governador do Brasil.

A composição do mapa foi orientada para indicar os limiares da espacialidade dos povos Payayá no século XVII, a qual se organizava a partir dos vales dos rios (no sentido leste-oeste), desde a proximidade do litoral até as margens do rio São Francisco, incluindo a Chapada Diamantina. A atuação dos Payayá está registrada também pela indicação tanto das aldeias de Utinga e de Jacobina (os documentos mostram que havia várias no amplo território da região das Jacobinas), quanto dos conflitos promovidos pelos Payayá durante a Guerra dos Bárbaros. Concentrados na área do Recôncavo e nas capitais das capitanias de Ilhéus e Porto Seguro, os ataques marcaram uma geograficidade oscilante no movimento constante entre litoral-interior, acompanhando os vales, entre os ataques (concentrados nas fortificações litorâneas) e os refúgios no piemonte da Chapada.

Vemos assim a amplitude da atuação Payayá no estado da Bahia e para além dele em suas áreas definidas pela historiografia (os vales dos rios Itapicuru e Paraguaçu), enunciando sua re-presentação e sua referencialidade a partir de uma intensa mobilidade entre grandes domínios morfoclimáticos e fito-geográficos, desde regiões de depressões intermontanas e interplanálticas semi-áridas, até regiões mamelonares tropical-atlânticas florestadas (AB'SABER, 2003). O mapa permite o deslocamento para uma geografia tatuada no território baiano não somente por sua representação (existência em um passado) mas por sua constituição em um presente anacronicamente transtemporal – ancestralidade. A impressões e os ícones não se reduzem a uma mera geometria objetificadora, expressando uma densa articulação geográfica entre os povos Payayá e outros povos indígenas que coexistiam territorialmente e sentiam a responsabilidade de contrapor o autoritarismo daqueles que lhes negavam até a condição de Outro. O mapa traduz o apelo ético-político que convida a entender o passado colonial e a escuta de um chamado ancestral que deixou marcas na geografia Payayá e baiana.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz N. Os domínios no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LIMA, Jamille da Silva. O sentido geográfico da identidade: metafenomenologia da alteridade Payayá. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros: povos indígenas e a colonização do Sertão Nordeste do Brasil, 1560-1720. São Paulo: Hucitec; Edusp; Fapesp, 2002.
- SIERRA, Juan L. As excelências do governador: o Panegírico Fúnebre a D. Afonso Furtado (Bahia, 1676). In: SCWARTZ, Stuart B.; PÉCOR, Alcir (Orgs.). As Excelências do Governador. O Panegírico Fúnebre a D. Afonso Furtado, de Juan Lopes Sierra (Bahia, 1676). Tradução de Alcir Pécora e Cristina Antunes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.p. 67-290.

¹ LIMA, Jamille da S. Metafenomenologia da alteridade: por uma significação ética da pesquisa geográfica. Geograficidade, v. 10, p. 169-182, 2020.

LIMA, Jamille da S. Identidade e lugar na metafenomenologia da alteridade Payayá. GeoTextos, v. 15, p. 13-33, 2019.